

“A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos”: as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

---

*"The word justice is more in the Atheists' mouths than in the Christians": the social propositions of Reverend João Dias de Araújo of the Presbyterian Church of Brazil (1950-1960)*

**Carlos André Silva de Moura\***

carlos.andre@upe.br

**Saymmon Ferreira dos Santos\*\***

saymmon.santos@gmail.com

### **Resumo:**

A atuação de grupos protestantes em Pernambuco adquiriu novas conotações com as ações do Reverendo João Dias de Araújo nos púlpitos da Igreja Presbiteriana do Brasil. Como defensor de um cristianismo comprometido com questões sociais, o eclesiástico atuou com integrantes de distintas denominações, membros das Ligas Camponesas e foi coadjuvante na corrida eleitoral de Miguel Arraes, nos anos de 1960, para o Governo do Estado. A partir das propostas da História Cultural, analisamos periódicos e documentos da IPB, com o objetivo de compreender a introdução de novos conceitos na teologia reformada. Com o artigo entendemos como os discursos despertaram reações em parte das lideranças, com acusações de que o reverendo compactuava com o Partido Comunista Brasileiro e buscava promover querelas na instituição.

### **Palavras-chave:**

João Dias de Araújo; Igreja Presbiteriana do Brasil; Progressista e Fundamentalistas.

### **Abstract:**

*The role of protestant groups in Pernambuco acquired new connotations due to the actions of Reverend João Dias de Araújo in the Presbyterian Church of Brazil's (PCB) pulpits. As a supporter of a Christianity committed to social questions, the churchman acted, alongside members of distinct churches, members of the Peasants' League, and was also a supporter of Miguel Arraes during his election campaigns in the 1960s, to the Government of the State. Through the principles of Cultural History, we analyzed the IPB newspapers and documents, with the intent to understand the introduction of new concepts in reformed theology. Throughout the paper, we will also see how speeches awakened different kinds of reactions amongs the movement's leadership, with accusations that the Reverend was a Communist Party of Brazil sympathizer and was seeking to promote quarrels inside the institution.*

### **Keywords:**

*João Dias de Araújo; Presbyterian Church of Brazil; Progressists and Fundamentalists.*

\* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade de Pernambuco (UPE) e docente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e do Programa de Pós-graduação em Culturas Africanas, da Diáspora, e dos Povos Indígenas. Pós-doutor em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio como Investigador Visitante Sênior no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL). Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE.

\*\*Mestrando em História Social da Cultura Regional na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente, pesquisa sobre os embates, denúncias e expurgos ocorridos na Igreja Presbiteriana do Brasil, entre progressistas e fundamentalistas, nos transcurso das décadas de 1950-1960. Graduado em História Bacharelado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), concluído em dezembro de 2017. Possui como interesse: História das Religiões. Desenvolveu pesquisas sobre as atuações de movimentos progressistas na Igreja Presbiteriana do Brasil.

## Introdução

No início do século XX, as produções bibliográficas retornaram à cena historiográfica, operando como métodos para as investigações e escrita da História (SILVA, 2010, p. 14). Compreende-se que cada personagem histórico interage e responde aos condicionamentos socioculturais do momento de atuação, entretanto, isso não implica dizer que são incapazes de modificar o seu contexto, negando a possibilidade de um comportamento padrão para todos os sujeitos de um mesmo grupo social.

O nosso artigo está inserido nas perspectivas da História Cultural, uma vez que considera a prática religiosa através das representações, das construções históricas e discursivas. Com relação ao nosso corte institucional, compreendemos que as tensões políticas desencadeadas na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), durante as décadas de 1950 a 1960, não devem ser analisadas distantes dos eventos históricos que sobrepõem o próprio espaço religioso.

Os entraves movidos pelo reverendo João Dias de Araújo e a liderança conservadora da Igreja Presbiteriana do Brasil, estabelecida na zona de influência do puritanismo com ênfase no conversionista e moralista, nos direcionam as contribuições de Roger Chartier, especialmente, à noção de representação de mundo social, idealizado por interesses de grupos sociais. Os documentos utilizados neste artigo nos direcionam a perceber o estado de concorrência quanto às representações da instituição religiosa em torno da cultura política do anticomunismo, reconhecível na liderança presbiteriana na atmosfera repressiva dos governos militares (1964 – 1985) (CHARTIER, 2002).

Sendo assim, durante o artigo narramos parte da biografia do reverendo João Dias de Araújo (1930 – 2014), com o objeto de apresentar um panorama do seu contexto histórico e atuação na instituição em que estava inserido. A pesquisa em torno do eclesiástico é importante para entendermos como aconteceu a participação de religiosos nas construções dos discursos políticos que atendiam a classe de trabalhadores, observando um mesmo acontecimento histórico através de múltiplos sentidos.

João Dias de Araújo nasceu em 1930, na cidade de Campinas, interior de São Paulo, tendo a influência da sua família na escolha da vida eclesiástica. O seu avô, João Pedro Dias, foi um dos disseminadores do presbiterianismo no Estado de Mato Grosso. O seu pai também seguiu a carreira pastoral, com a função de reverendo na Igreja Presbiteriana de Cuiabá. Em entrevista concedida ao historiador Márcio Ananias Vilela, João Dias relatou que a opção pelo ecumenismo constituiu uma espécie de herança de família, ao passo que narra a aproximação de seu avô com Dom Aquino Correia (1885 – 1956), Arcebispo de Cuiabá (VILELA, 2015, p. 178).

No ano de 1949, ingressou no Seminário Teológico de Campinas (SPS). Neste período, a Igreja Presbiteriana do Brasil contava com um seminário em São Paulo e outro em Pernambuco, o Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). Houve também um efêmero funcionamento do Seminário Presbiteriano do Centenário (SPC), na capital do Espírito Santo, mas as suas atividades foram encerradas no ano de 1968.

"A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos": as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

Ainda como seminarista, João Dias atuou no Norte do Estado de Minas Gerais e na Bahia, nas cidades de Almenara, Pedra Azul, Monte Claros e Caetité, respectivamente.

Em 1960 o reverendo recebeu o convite para compor a equipe do Seminário Presbiteriano do Norte com a proposição de assumir os componentes curriculares de Teologia Sistemática, História da Filosofia e Ética Cristã. Na instituição atuou como Deão, função que era atribuída ao docente que domiciliasse na instituição, com o acompanhamento das atividades dos seminaristas residentes. O convite para lecionar partiu do Supremo Concílio (SC) da IPB, instância máxima da hierárquica da instituição. Além destas atividades, João Dias foi convidado para pastorear a Igreja Presbiteriana da Encruzilhada, localizada na zona norte do Recife. aproveitou sua estadia para cursar Filosofia, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Direito na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Para as nossas discussões, faz-se necessário um breve debate sobre as condições históricas do discurso progressista nos grupos protestantes. Para Elizete da Silva, um protestante progressista “seria aquele com uma visão aberta, não necessariamente modernista em termos teológicos, que admite novas ideias e novas perspectivas na interpretação de doutrinas e nas práticas religiosas” (SILVA, 2010, p. 35). A década de 1950 na Igreja Presbiteriana do Brasil indicava uma expansão das fronteiras dos debates teológicos e políticos entre os fiéis e os seus líderes. É preciso clarificar que as ideias da neo-ortodoxia demoraram algumas décadas para desembarcar no Brasil, sendo impulsionadas apenas com a chegada do missionário Richard Shaull (1919 – 2002), a partir de 1952, financiado pela Missão Brasil Central, que desenvolveu as ações com a juventude presbiteriana, estimulada com a introdução dos debates sociopolíticos.

A teologia de Richard Shaull se reverberou em personagens importantes na história do protestantismo brasileiro: Rubem Alves (1933 – 2014), Jovelino Pereira Ramos, Waldo César e, o Rev. João Dias de Araújo. Ainda sobre os acontecimentos da década de 1950, no terreno protestante, Rubem Alves relatou que esse período foi marcado por uma “convulsão intelectual”. O Brasil atravessava uma ebulição político-social, resultado de rápidas transformações oriundas da industrialização e da urbanização. Bandeiras desenvolvimentistas tinham o objetivo de contribuir para tornar a população consciente da vulnerabilidade e o atraso econômico que cobriam o país. A Igreja Presbiteriana do Brasil, como corpo social, não se apresentou imune às mudanças, através do surgimento de novas linguagens teológicas com o ideal ecumênico, preocupações litúrgicas, expansão dos estudos bíblicos que romperam com as discussões moralizantes e o interesse por questões políticas e sociais (ALVES, 1982, p.166-167).

Para Sônia Mota, a chegada de livros de teólogos contemporâneos nas bibliotecas dos seminários presbiterianos despertava uma inquietação da juventude com o pensamento calvinista de matriz europeia, ao passo em que também começava a ter acesso às universidades brasileiras (MOTA, 2013).

## João Dias de Araújo em Pernambuco

O nosso personagem desembarcou em Pernambuco no contexto das eleições de Miguel Arraes de Alencar (1916 – 2005) ao cargo de governador, como representante da Frente do Recife, junto com os partidos Socialista Brasileiro (PSB) e Comunista Brasileiro (PCB). O representante político foi eleito em 1962 e deposto em abril de 1964, devido ao golpe civil-militar. Um segundo espectro que também rondava o Estado era o discurso do “perigo” comunista na mentalidade dos conservadores, estremecida com os rumos da revolução liderada pelos irmãos Castros em Cuba.

Nas áreas rurais, crescia a importância de Francisco Julião (1919 – 1999), com a estruturação das Ligas Camponesas, que reivindicava os direitos dos camponeses. Sobre a disputa eleitoral de 1962 para governador em Pernambuco, João Dias, que negou a “tradicional” fórmula de que o “crente” não deveria participar da política, foi a uma emissora de televisão e discursou, com destaque que votaria “em Miguel Arraes, porque esse aí foi um bom prefeito e fez bem para a cidade, então eu vou votar nele. É o melhor candidato e eu recomendo” (VILELA, 2015, p. 181). Dado o acontecimento, cresceram as primeiras desconfianças em torno do reverendo, uma vez que o candidato era rejeitado por parte dos protestantes.

Os anos de 1960 também foram marcados por novos caminhos para parte católicos, especialmente, com a presença de Dom Helder Câmara (1909 – 1999) na Arquidiocese de Olinda e Recife entre os anos de 1964 e 1985. O Arcebispo era um dos representantes das ideias do Concílio do Vaticano II (1962 – 1965), conduzindo parte dos fiéis para uma maior participação da comunidade leiga na estrutura religiosa, repelindo uma igreja centrada na hierarquia do clero (CABRAL, 2008, p. 43). Em análise sobre a situação histórica e as tensões da década de 1960, João Dias o classificou como responsável por propor um momento de diálogo em um instante de repressão.

A questão da reforma agrária no governo de João Goulart (1961 – 1964) também não avançava. Uma ala conservadora do Congresso, representando os interesses da elite brasileira, com base no artigo 141º da Constituição de 1946, defendia o pagamento prévio em dinheiro quando houvesse caso de desapropriação por interesse público (FERREIRA, 2006). Os grupos das esquerdas repudiavam o quadro que levaria o governo a uma negociata rural, originando pressões de organizações estudantis, sindicalistas, camponeses, por uma reforma com urgência. O Partido Social Democrático (PSD), que gozava de maioria no congresso, argumentava em favor de uma reforma moderada que atingisse apenas o latifúndio improdutivo. Os interesses de classes, especialmente da elite brasileira, provocaram o congelamento desta proposta, com o aceno do governo, ocasionando desconforto em alguns grupos de esquerda (FERREIRA, 2006, p. 98). Por este motivo, em 1961 foi organizado o 1º Congresso Camponês em que ficou notado pelo discurso de Francisco Julião que defendeu que “a reforma agrária será feita na lei ou na marra, com flores ou com sangue” (ARAÚJO, 2012).

O desejo pelas reformas agrária, urbana e universitária que desagradava a linha conservadora, ocasionou o arrefecimento democrático, através do golpe de 1964. Rememorando à década de 1960, João Dias narrou

que “o humorista Chico Anísio irritou os militares quando declarou: ‘quem não tem cachorro caça com gato! Quem não tem gato ‘cassa’ com ato’” (ARAÚJO, 2012). A sociedade brasileira atravessava uma intensa polarização política e por mero interesse nos debates sociais qualquer indivíduo poderia cair no rótulo de comunista. A aproximação de João Dias com Francisco Julião rompeu com o distanciamento aparente entre a igreja e a situação política e econômica. O reverendo tornou-se um dos colaboradores do líder das Ligas Camponesas, à proporção que alguns militantes abraçaram o protestantismo.

Sobre a situação econômica do país, os índices inflacionários alcançaram 54,8% em 1962. Esse desequilíbrio provocava inquietações nos setores empresariais, na cúpula das Forças Armadas e entre conservadores (MOTTA, 2006, p. 95). Entre a esquerda, crescia a liderança de Leonel Brizola que pressionava o presidente João Goulart em torno da campanha das Reformas de Base e um alinhamento com os movimentos sociais. Nesse momento crítico, aumentou as invasões de terras como pressão para a reforma agrária. Parte dos membros da Igreja Católica buscava estender a sua influência sobre a crise no campo devido o temor que os camponeses migrassem para a concorrência comunista ou anarquista.

Por seu turno, no seio presbiteriano predominava na primeira metade do século XX a teologia de cunho calvinista que enfatizava unicamente o processo “salvífico” do homem, sem muito interesse com questões políticas e sociais, tratadas como “mundanas” ou secundárias. Neste sentido, prevalecia o postulado da conversão do “[...] indivíduo e a sociedade será transformada.” Para essa concepção, o fim principal do “Evangelho” é atingir o homem de maneira individual.

Para Rubem Alves, “o protestantismo tradicional entendia a realidade como uma estrutura fixada desde toda eternidade, não podendo ser transformada” (ALVES, 1979, p. 268). Competiria ao cristão a busca em torno da eternidade, secundarizando as demais questões. Endossava-se que, apenas por intermédio do indivíduo, o evangelho afetaria o meio social e a comunidade. Neste sentido, pode-se entender que existe no cristianismo uma finalidade social.

A presença de João Dias no SPN intensificou a quebra paradigmáticas no modo de se pensar o “fazer teológico” à proporção que introduzia novas temáticas que não eram típicas da linguagem protestante. As propostas rompiam com a teologia dualística, escapista, edificada nas diferenças entre o sagrado versus profano, encorajando a presença de categorias e conceitos que saltassem as cercas religiosas, dialogando com as várias faces da cultura brasileira. Em 1962 o reverendo escreveu o artigo *Uma teologia para o Brasil*, um convite para que os estudantes se afastassem das antigas fórmulas dos séculos XVII e XVIII, incapazes de compreender o panorama sociocultural do país (VILELA, 2015, p. 178). Durante o texto defendeu que “é preciso se ergam teólogos falando para o Brasil. Não podemos deixar de ouvir as vozes americanas ou européias, mas não podemos deixar de reconhecer a necessidade de teólogos falando para o Brasil” (ARAÚJO, 1961, p. 39). Complementava que “essas vozes deveriam atravessar o mormaço das tardes tropicais, torvelinho barulhento das raças, dos climas, das grandezas e das misérias grandes da nação brasileira” (Ibid, p. 39).

## João Dias de Araújo e o movimento ecumênico

Uma segunda característica que desperta nossa atenção no personagem principal deste artigo foi a sua extensão no diálogo interdenominacional e inter-religioso. Para Rubem Alves, o ecumenismo implicava numa transformação de definições, ressignificando categorias em que os considerados “inimigos” eram redefinidos como “amigos”. Nas lentes da identidade conservadora, o catolicismo permanecia sendo representado como “atraso” à modernidade e “infiel” ao *Sola Scriptura* (só as escrituras).

João Dias esteve presente nas ações ecumênicas coordenadas por Dom Hélder Câmara, que recebeu o título de *Operação Esperança*, pautado na responsabilidade de atuar próximo dos grupos marginalizados. O movimento foi idealizado pelo Arcebispo, com a participação do Rev. Metodista Dorival Beulke, o Pr. Alfredo da Igreja Episcopal e o Rev. João Dias. As ações foram anunciadas em setembro de 1965, com projetos de atenção aos problemas habitacionais na Região Metropolitana do Recife. Um segundo diálogo de linha ecumênica ocorreu na TV Universitária, através do programa *O Grande Júri*, que promovia debates entre João Dias, o Padre Rodrigues e o espírita parapsicólogo José Borges, com discussões sobre assuntos religiosos e de interesse geral.

Líderes conservadores utilizaram o *Brasil Presbiteriano*, periódico que representava o posicionamento da instituição, para classificar os pastores que participavam de celebrações ecumênicas de “acatólicos” ou “coroinhas de padres”, conforme se inseriam no rito católico (MATOS, 2009, p. 78). Outra prova de tal feito ocorreu em uma publicação do *Diário de Pernambuco* que trazia como título: “Vigília bíblica e encontro ecumênico que uniram católicos e protestantes no Recife.” O artigo indicou a presença dos pastores e professores do SPN João Dias de Araújo e Áureo Bispo Santos na Comissão Ecumênica (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 04 de set. de 1964, p. 5). Dois dias após a publicação, o reitor do Seminário, Paulo Pierson, foi ao jornal esclarecer que ambos não faziam parte da comissão citada (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06 de set. de 1964, p. 11). A posição da reitoria pode ser compreendida à luz da oposição que o Rev. Israel Gueiros (1907 – 1996) comandava na cidade do Recife com relação a um grupo de docentes do Seminário Presbiteriano, acusados de desvios doutrinários.

Em 1962 João Dias palestrou no IVº Encontro do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, a *Conferência do Nordeste*, maior evento organizado por lideranças progressistas no Brasil. O tema escolhido para o evento foi *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*. Percebe-se que antes da formulação da Teologia da Libertação, no final da década de 1960, as comunidades evangélicas em harmonia com setores do catolicismo, já apregoavam uma reflexão teológica condizente com o contexto latino-americano. O evento contou com a participação de presbiterianos, batistas, congregacionais, episcopais, luteranos, metodistas, pentecostais, reformados, com o total de 14 denominações.

O uso do termo revolução na expressão do título da conferência causou desconforto entre setores na liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil, como pode ser percebido nas palavras do Presidente do Supremo Concílio, Amianto Adorno Vassão que destacou que “há coisas que, à primeira vista, espantam. O subtítulo,

"A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos": as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

por exemplo: "Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro" (CESAR, 1962). Prosseguia o reverendo, "na realidade Cristo, o meigo e suave Salvador, promoveu a maior revolução que a História registra, sem violência, com as armas do amor" (Ibdem). Essa representação do pensamento político conservador, presente na cúpula da instituição, indica-nos a presença de obstáculos entre as linguagens do cristianismo e socialismo. Nesta primeira, reverberavam as fórmulas do calvinismo clássico, onde deveria se ajustar ao Estado e aceitá-lo (BURITY, 2011). Para João Dias, noutra perspectiva, o uso da expressão *revolução* confluiria dentro da linguagem teológica protestante, tipificando a implantação do Reino de Deus no fim da história.

Para o eclesiástico, a possibilidade de equilíbrio social se desvela com o *Reino de Deus*, que deixa de ser compreendido pelos seus aspectos metafísicos e transcendentais para ser encarado como uma responsabilidade do cristão de implantá-lo em determinada circunstância histórica. A reflexão do reverendo mantém um grau de parentesco com a proposta marxista, evidenciando uma esperança que remeteria a um futuro reino de justiça e fraternidade entre a humanidade. No entanto, ao enfatizar a intervenção divina na história, João Dias criticava a corrente marxista que negava o "exercício divino" sobre os processos históricos e o seu olhar teleológico para o comunismo. Segundo o palestrante: "foi tanta a displicência dos cristãos que a palavra justiça foi arrebatada da bandeira cristã para ocupar lugar de destaque na bandeira vermelha do materialismo. **A palavra justiça está mais na boca dos ateus do que de cristãos.**" (ÚLTIMA HORA, 24 jul. 1972. Grifo nosso).

Entre as conclusões da conferência, denunciava-se o desinteresse das Igrejas protestantes com a crise social produzida diante da lógica capitalista em países periféricos e a subordinação às regras do imperialismo estadunidense. Essas instituições se encontravam distantes dos grupos marginalizados, da classe operária, estudantes que começavam a integrar as fileiras do Partido Comunista Brasileiro (PCB). No lugar de se posicionar como instrumento de justiça, João Dias acusava que a Igreja tem sido conivente com a injustiça dos patrões contra os empregados (ÚLTIMA HORA, 25 jul. 1962). É importante destacar que durante as suas propostas, João Dias não apresentou um discurso localizado no campo partidário comunista, mas acentuava que a questão social deveria ser uma das bandeiras do cristão.

## **João Dias de Araújo e aproximação com a juventude presbiteriana**

As pautas progressistas encontraram solo fértil na juventude presbiteriana articulada na União de Mocidade Presbiteriana (UMP). Em um cenário mais amplo, a União Cristã de Estudantes Brasileiros (UCEB), em congresso realizado no Rio de Janeiro entre os dias 1 e 5 de novembro de 1961, com participação de integrantes da Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), defendia que a contemporaneidade do cristianismo estava na esquerda. A organização defendeu que protestantes participassem ativamente dos movimentos políticos, com análise dos problemas sociais do Brasil, com ações para erradicar as contradições existentes e um esforço de conscientização da juventude. Por fim, o movimento "teve como afirmação central

e constante a necessidade de engajamento revolucionário dos estudantes cristãos na esquerda” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02 dez. 1961).

Entre os líderes presbiterianos que desenvolveram e participaram de atividades junto com os jovens esteve João Dias de Araújo. Um dos motivos para se compreender essa aproximação pode ser entendido pelo fato do personagem não se esquivar de assuntos considerados polêmicos e inadequados para a estrutura conservadora da IPB. O reverendo introduziu debates que remetiam à proposta marxista e como o cristão deveria lidar com os desafios lançados por esta categoria de pensamento.

Para a Mocidade vem uma grande questão: poderia um cristão ser comunista? Assumir as duas perspectivas não produziam uma antinomia ou contrassenso? O eclesiástico ensinava que era necessário conhecer as teses marxistas, porque havia uma proposta para a realidade brasileira em sua perspectiva. No entanto, interrogava sobre a proposta do cristianismo para a realidade do país. Segundo o reverendo, “não é só perguntar o que diz Marx, ou o que diz Cristo? O que Cristo quis dizer quando falava dos pobres. Ele não estava dizendo alguma coisa que Marx disse com outros pressupostos e outras filosofias?” (VILELA, 2015, p.189).

Segundo João Dias de Araújo, o Marxismo tratava de algo que deveria ser caro para qualquer cristão: o agir para assistir as classes mais oprimidas. Apesar de partirem de matrizes opostas, o evangelho e a proposta comunista poderiam se entrecruzar em determinados espaços teóricos. O eclesiástico concluía que ambos divergiam quanto à proposta do fim da história. Para os cristãos, prevaleceria o Reino de Deus e para os marxistas, a sociedade sem classes idealizada no modelo comunista (ARAÚJO, 1964, p. 18).

A implicação de uma revolução armada, a exemplo da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, era rejeitada por ampla maioria dos protestantes presentes na reunião. As mudanças nas estruturas da sociedade deveriam ocorrer por meio de reformas. Os exemplos dos profetas no Antigo Testamento eram rotineiramente utilizados com o propósito de convocar a comunidade evangélica a condenar a estrutura política e social do seu tempo, sob a orientação divina. Em relação ao posicionamento da Igreja Presbiteriana do Brasil sobre o comunismo, em 1954, durante o governo de Getúlio Vargas a Resolução do SC/IPB 54-138 estabeleceu que “há incompatibilidade entre o comunismo ateu e materialista e a doutrina bíblica e os símbolos de fé da IPB” (DIGESTO PRESBITERIANO, 1951 - 1960).

Essa ideia teológica “profética” de João Dias foi vista por parte dos protestantes como uma interferência de Moscou, ou do governo cubano, com missão de difundir o marxismo nas igrejas. Neste sentido, destacava-se que se tinha o objetivo de influenciar os mais jovens a se rebelarem contra a figura tradicional do pastor, fundamentando o seu poder na autoridade “constituída por Deus”.

As tentativas de silenciar João Dias se intensificaram em 1964, quando o Rev. Amianto Adorno Vassão, presidente do Supremo Concílio (SC) da IPB, convocou uma reunião extraordinária com a diretoria do SPN para tratar do pastor-professor. As denúncias para a abertura de um processo tomaram como base o seu discurso no VIº Congresso da Mocidade Presbiteriana em Campinas, realizado entre 25 de janeiro e 2 de fevereiro, que teve o lema: *O jovem cristão e a realidade brasileira*.



Neste momento, João Dias procurou conscientizar a mocidade presbiteriana através de cinco palestras sobre a crise social experimentada pelos brasileiros e os deveres dos cristãos de desfraldarem a revolução. Uma das palestras foi publicada em tópicos no jornal carioca *A Noite*, pelo Rev. Tancredo Costa. A fala do eclesialístico foi analisada por jovens participantes, que destacaram que:

Em referência às palestras do Rev. João Dias de Araújo, a comissão chega às seguintes conclusões: [...] O jovem cristão e o jovem comunista são forças vivas e atuantes na comunidade brasileira. **Aquilo em que o jovem comunista se aproxima do cristão foi subtraído ao Cristianismo e deturpado pela conceituação materialista**; urge que o mção cristão empunhe a bandeira social que lhe pertence por direito. Contra o Capitalismo e tōda a forma de exploração do homem. Visto que só em Cristo o homem tem a sua realização. A bandeira é nossa e a paixão nos foi copiada. Urge que nos ergamos para que o mundo se curve diante da Supremacia de Cristo, o Senhor da História. 4) Com o apoio e orientação da Igreja, a UMP poderá realizar um trabalho em equipe sentindo-se parte integrante da mesma e como fruto desse esforço a sua atuação no Mundo será profunda e fora das paredes e reuniões dominicais, isto é, nas penitenciárias, nos pronto-socorros, nos bairros pobres, nos grêmios, nos centros acadêmicos, colégios e universidades, sindicatos e ligas camponesas etc., levando a todos o fermento positivo da doutrina moral e da ação social Cristã capaz de alvoraçar o mundo em desespero. 5) Tomando consciência da sua posição responsável diante do desespero humano o jovem cristão precisa definir a verdadeira liberdade que propõe a luta contra a ignorância, a fome e o pecado, procurando o caminho de um nacionalismo prático que encarne o espírito de Cristo contra a escravidão (A NOITE, 24 fev. 1964. Grifo nosso).

Para João Dias, o cristão deveria procurar dialogar com o comunista, pois poderiam compreender as suas aspirações. Também seria necessário que o jovem cristão estudasse a filosofia marxista para melhor dialogar com os representantes desse pensamento. O pastor revelou que a maior luta dos profetas do *Velho Testamento* de Jesus “Cristo” e dos apóstolos foi contra a injustiça social imperante sobre as sociedades humanas. Enquanto houvesse a prática da exploração, escravização, desumanização, os homens estariam distantes do ideal bíblico. Dentro desta perspectiva, os cristãos deveriam desfraldar e liderar a luta contra a injustiça. O Reverendo tinha em mente que a crise brasileira gerada na década de 1960 estava criando uma circunstância apropriada para a luta revolucionária. Incomodava-o perceber que os debates sobre a desigualdade socioeconômica brasileira partiam dos círculos marxistas, enquanto as igrejas cristãs se isentavam deste papel. Sem embargo, a presença dos termos “marxista”, “comunismo” e “revolução”, presentes na teologia de João Dias sempre trouxeram consigo contrariedades. Como forma de ampliar o seu pensamento, a palestra se transformou em uma cartilha, que foi intitulado *O jovem cristão e o jovem comunista* (MOTA, 2003, p.103).

O congresso em Campinas esteve inserido dentro de um momento histórico político agitado. Perto daquela data, em 13 de março de 1964, aconteceu o comício com a participação de aproximadamente 300 mil pessoas. No evento, discursaram presidente João Goulart, Leonel Brizola, José Serra, presidente da União Nacional dos Estudantes em tempo, e o Governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Havia uma pressão com relação ao fim da política de conciliação do presidente para que este promovesse as reformas que eram aspiradas pelos movimentos sociais. Seis dias após o grande comício, aconteceu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada em São Paulo e em outras cidades. Tratava-se de uma manifestação

majoritariamente composta por setores das camadas médias, mantendo um caráter religioso. Nesta última perspectiva, as reformas de Jango construíram representações de que o Brasil estava se direcionando às trilhas de Moscou.

A posição do Rev. João Dias como preletor do VIº Congresso de Campinas foi rejeitada pelo Rev. Alcides Nogueira que considerava a fala do palestrante exagerada e acompanhada de desrespeito com a igreja, os pastores e os membros mais velhos. Integrantes da instituição também o acusavam de deformar a fisionomia moral, social e filantrópica da IPB, imputando-lhe uma negligência de não responsabilidade com a Igreja. Quanto a recomendação de João Dias para que a mocidade presbiteriana estudasse o marxismo, Alcides Nogueira contrapõe:

Não cremos no êxito dessa recomendação, a menos que êsse estudo se processasse sob a orientação de professores credenciados intelectual, espiritual e teologicamente, porque as teses marxistas são complexas e, por isso, **subentendem discernimento mental acima do nível médio do que possui a nossa mocidade estudantil** (NOGUEIRA, 1965, p. 62. Grifo nosso).

O pensamento do pastor ratifica o posicionamento de parte dos membros da IPB, especialmente, com relação ao perigo dos estudos de teóricos marxistas e a reverberação das suas teses na juventude “desinteressada pela igreja retrógrada” (ARAÚJO, 2010, p. 54). Nesta afirmação, os jovens são apresentados como incapazes para o aprofundamento no sistema de pensamento oriundo de Karl Marx, portanto, deveriam ser acompanhados de alguma autoridade espiritual.

Quando o Supremo Concílio da IPB reagiu aos posicionamentos da Confederação de Mocidade Presbiteriana (CMP), a instituição ficou impedida de circular o periódico *Jornal da Mocidade*, e os pastores que frequentemente eram convidados aos congressos dos jovens, tornaram-se alvos das ações conservadoras. Para João Dias, os artigos que mais causaram incômodos no periódico foram: *Relatório sobre o papel da UMP*, *Cartas de Homero* e *O senhor do mundo*. Paulo Stuart Wright (1933 – 1973), Deputado Estadual por Santa Catarina entre 1962 e 1964, foi o responsável pelo último artigo, registrando que “o problema não é mais se dançar ou não dançar, se fumar ou não fumar é pecado, pois sendo Jesus Cristo nosso Senhor, estas coisas não têm mais poder sobre nós” (ARAÚJO, 2010, p. 55).

### **A reação da liderança conservadora à teologia de João Dias de Araújo**

As medidas adotadas pelos agentes dos governos ditatoriais no Brasil, a partir de 1964, foram empreendidas com certa facilidade, pois setores significativos da sociedade brasileira, como as instituições protestantes, faziam coro ao desmonte da democracia. Para o Rev. Eudaldo Silva Lima, a cúpula da IPB esteve comprometida com os militares não de forma direta, mas através da prática do denunciamento contra pastores, levando-as para as Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS). Para João Dias de Araújo, houve um “entrosamento de vários setores da IPB com a revolução de 1964” (ARAÚJO, 2010, p. 96). Para Rubem Alves, as igrejas protestantes, vistas como comunidades pequenas, marginais e sem reconhecimento, aproveitaram-se da situação histórica de 1964 para afirmar lealdade ao Estado, projetando participação no

"A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos": as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

poder político. Diante do quadro, o teólogo questionou “que melhor prova de lealdade pode existir que entregar os seus próprios filhos ao sacrifício?” (ALVES, 1987, p. 29).

Apesar das tentativas de João Dias, em Pernambuco, e de Richard Shaull, em São Paulo, não podemos esquecer que o discurso progressista não foi dominante na história da IPB, mas até março de 1964 havia tolerância com relação aos intelectuais deste campo. O pronunciamento que foi aprovado pelo Supremo Concílio da IPB em 1962, a progressiva politização da mocidade e o desejo da aplicação prática do evangelho em termos de justiça social (REILY, 2003, p. 324), ratificam o posicionamento em torno do clima de transigência para as novas correntes trazidas da Europa e da América do Norte.

É preciso lembrar que “a ditadura, embora tenha contado com importante participação de setores civis, em particular das elites e de parte da classe média, progressivamente se militarizou” (D’ARAÚJO; JOFFILY, 2019, p. 16-17). Esse período também significou a intensificação de um processo de sufocamento e repulsão de intelectuais progressistas da IPB. Uma prova deste cerco ocorreu quando o Rev. João Dias foi convidado para lecionar uma das turmas da Escola Bíblica Dominical da Igreja Presbiteriana da Boa Vista (IPBV), localizada no centro do Recife, liderada Rev. Josébias Marinho.

Durante as suas atividades, o eclesiástico tratou de questões inoportunas para a mentalidade anticomunista da Igreja com a presença de muitos universitários. Como consequência, no dia em que se instaurou o golpe de 1964, os muros da IPBV foram pichados com a afirmação que “esta igreja é comunista”, ocasionando o clima de tensão nos presbíteros (VILELA, 2015, p. 197). Em 22 de junho de 1964, o conselho da instituição escreveu uma carta à diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte, externando desagrado com os resultados da presença de João Dias à frente da Classe Filadélfia, com jovens em contextos acadêmicos. O documento destacou que:

Cumprir a este Conselho, para atender solicitação que faz o prezado irmão, em sua carta de 2 do corrente, ainda que isto lhe seja penoso, declarar que a atuação do distinto irmão Rev. João Dias de Araújo, ilustre professor de nossa Casa de Profetas, à frente de uma classe da Escola Bíblica Dominical Central desta Igreja, que lhe foi confiada, não produziu os resultados desejados por este conselho. [...] A preferência dada pelo professor a assuntos e problemas sociais empolgou de tal modo os alunos que estes se desinteressaram pelo estudo da Bíblia propriamente e nenhuma decisão por Cristo foi verificada com nenhuma profissão de fé conseguida entre alunos. [...] Criou-se, mesmo, entre alguns a idéia de que os pastores que não realçavam tais problemas eram superados, ignorantes ou reacionários, perdendo assim a simpatia da gente moça que recusava ouvir-lhes a pregação. [...] O entusiasmo do ilustre ministro em apreço pelos problemas dessa natureza se tornou conhecido em toda a cidade e até fora dela, de modo a ser considerado um especialista no assunto e assim convidado para prédicas nas Igrejas em que davam preferência ao mesmo, chegando a exagerar-se em expressões capazes de incitar a mocidade para movimentos coletivos prejudiciais à Causa do Evangelho. E não só nas Igrejas, mas em auditórios seculares era aplaudido pela mocidade ultimamente fanatizada, em grande parte, por agitadores comunistas. Isto trouxe a esta Igreja má fama, é de crer-se pela malícia de alguns, chegando a dizer existir nela uma classe para ensinar ideologias comunistas (VASCONCELOS, 1975, p. 24).

Estamos diante de disputas de representações através de matizes teológicas conflitantes. Notabiliza-se uma preocupação do Conselho da IPBV quanto à associação da comunidade com o comunismo, à custa da presença de João Dias como professor. Destaca-se também a intenção de desconstrução do trabalho do

reverendo, usando como justificativa a falta de conversões, interesse dos jovens pelos cultos e abordagens teológicas tradicionais. A análise do documento nos traz o entendimento de como se construía, dentro dos segmentos protestantes, uma linha tênue entre as ideias sobre o comunismo e a proposta de abertura teológica, vistas pelo mesmo ângulo, possibilitando que o *progressista* fosse “confundido” com o *subversivo*. A reação conservadora era composta por grupos que mantinham uma postura anti-ecumênica, anticomunista, enaltecendo os valores tradicionais do calvinismo e ética puritana (REILY, 2003, p. 325).

O alcance de Boanerges Ribeiro (1919 – 2003) ao posto de Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, no ano de 1966, consolidava a reação dos grupos conservadores. O religioso foi eleito com 133 votos, no universo de 236 representantes, na 26ª Reunião do Supremo Concílio na Cidade de Fortaleza. Para Alderi Matos, a reunião ocorreu sob o clima de tensão em torno da crescente polarização entre duas tendências teológicas opostas (MATOS, 2009, p. 72). Sob o contexto do avanço dos militares no controle do Estado Brasileiro, punindo os opositores que recebiam o rótulo de “subversivo”, a ala conservadora conseguiu, com certa facilidade, estender seu domínio nas igrejas presbiterianas, iniciando vários expurgos contra a liderança progressista, acusada de transtornar a unidade da instituição.

Considerado conservador no aspecto teológico e político, declarava que a sua missão era reorganizar a Igreja e oferecer continuidade ao clima de “ortodoxia”, sendo necessário tomar medidas enérgicas para afastar os “provocadores”. Possuía um extenso currículo acadêmico e foi representado como “salvador” dos presbiterianos dos “males” do ecumenismo, comunismo e progressismo. Tinha o dever de expulsar os fiéis que se deixassem influenciar por essas correntes. Em sua perspectiva, os intelectuais progressistas haviam exagerado no livre exame da Bíblia, acolhendo dúvidas e heresias. Boanerges Ribeiro exerceu três mandatos consecutivos (1966 – 1978) e adotou uma política de alinhamento com os militares, com um repertório distinto da abertura teológica, com o sectarismo e à ênfase no tradicionalismo presbiteriano.

Em Pernambuco, o Rev. João Dias recebeu várias acusações de comunista e de práticas consideradas “heterodoxas”. Não devemos desprezar que as ideias de ortodoxia e heterodoxia estão relacionadas com a temporalidade do poder eclesiástico, responsável por definir os seus limites. Em suas memórias, lembrou-se dos acontecimentos em torno do golpe de 1964, quando membros da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, na época pastoreada pelo Rev. Israel Furtado Gueiros, foram às ruas do Recife com o intuito de distribuir panfletos acusando alguns docentes do SPN de serem propagandistas do marxismo (ARAÚJO, 2010, p. 99). Neste período, classificava-se que “a organização da sociedade civil se dava num espectro que ia da extrema esquerda à extrema direita” (ROLLEMBERG, 2019, p. 67).

As táticas de controle, que já vinham sendo sobrepostas desde o rompimento do grupo fundamentalista com as lideranças da Igreja Presbiteriana do Brasil, foram acentuadas pela composição conservadora, a exemplo do Rev. Alcides Nogueira que enfatizou que “com a revolução brasileira de 31 de março de 1964, êsses elementos [ideias progressistas] se retraíram, mas não cremos que as suas idéias hajam morrido. Eis porque a **nossa vigilância deve ser permanente**” (NOGUEIRA, 1965, p. 96. Grifo nosso).

O Rev. Gueiros, utilizando-se de seu programa *Luz do Mundo*, gravado em um estúdio localizado nas dependências da Igreja Presbiteriana do Recife, denunciou as práticas de ensino de João Dias de Araújo no SPN. Segundo o eclesiástico, com a denúncia desejava:

[...] esclarecer mais uma vez a posição dos evangélicos fundamentalistas em relação ao Comunismo. Nessa hora, deveríamos falar em nome dos evangélicos, sem adjetivação qualquer, mas infelizmente temos de reconhecer que os evangélicos e os católicos muitos dos que se chamam cristãos, estão divididos nesse assunto que é axiomático para o verdadeiro cristão. Ser cristão e ser ateu ao mesmo tempo, é algo impossível! Ser cristão e cooperar com os que promovem a destruição do Cristianismo, não o entendemos. O Seminário Presbiteriano do Recife tem como professor um grande propagandista do comunismo na pessoa do Sr. João Dias de Araújo, que está criando uma geração de pastores comunistas para a destruição do Cristianismo evangélico no Brasil. Somos de opinião que a Igreja que não reage mais contra tal inimigo da fé cristã é porque de há muito o perdeu. Sei que vamos ser taxados de mentiroso porque afirmamos que o Seminário Presbiteriano do Recife se ensina o Comunismo. Peço aos meus ouvintes evangélicos que analisem, por si mesmos, à luz do que vou citar, para onde estão sendo levados os jovens alunos de vossos seminários (GUEIROS, 1980, p. 136).

Para o Rev. Israel Gueiros, o risco de um país comunista expressaria a eliminação de valores cultivados pelos cristãos, pois trazia a efetivação de um estado ateu. Derrotar o comunismo representava a esperança na manutenção da liberdade de culto e da expressão religiosa. O eclesiástico concluiu que se apenas o direito ao culto fosse preservado, estavam democraticamente contemplados. Ao analisar o avanço do conservadorismo político dentro das instituições protestante, Robinson Cavalcanti teceu que “os evangélicos conservadores foram desenvolvendo um certo anti-intelectualismo, fechando-se como sub-cultura em um ghetto mental, sempre na defensiva, sempre temendo o mundo” (CAVALCANTI, 1985). Ser considerado comunista em época de intensificação da política de macarthismo, fez com que João Dias tomasse o destino de outros progressistas que buscavam fugir do controle institucional e dos militares, sair do país. Em 1966, foi para os Estados Unidos realizar o mestrado na Universidade de Princeton, como orientando de Richard Shaull, com aproximação de Rubem Alves.

Outra ação imposta pelo Rev. Boanerges Ribeiro para conter os avanços progressistas foi a criação da Comissão Especial dos Seminários (CES) que tinha o objetivo de fiscalizar a presença das propostas modernistas entre professores e seminaristas presbiterianos. A CES acumulou “superpoderes”, quem se tornou sua “vítima” acabou acusando-a de ignorar direitos estabelecidos pela Constituição da IPB, sobrepor decisões de presbitérios e culminar na saída de muitos pastores e seminaristas. Para Alderi Matos, “nunca na vida da IPB, uma comissão havia recebido prerrogativas tão extraordinárias, assumindo funções normalmente reservadas aos concílios superiores e seus tribunais” (MATOS, 2009, p. 75). Os seus “investigados” alegavam que as normas estabelecidas pela Constituição da Igreja, que garantia ao acusado o direito de ampla defesa, foram ignoradas na “Era Boanergista”. João Dias de Araújo relatou que “mais de uma dezena de estudantes ficou sob a pressão da CES e da administração do SPN” e outros abandonaram a candidatura ao ministério (ARAÚJO, 2010, p. 112).

As decisões da CES dificilmente foram contrariadas, apesar de se identificar contestações. As propostas teológicas progressistas foram tratadas como perigosas e desafiadoras da “ortodoxia” protestante. Por isso, o

parecer da CES foi implacável, afastando 39 seminaristas do Seminário Presbiteriano do Sul (SPS). Foram afastados os docentes Júlio Andrade Ferreira, Antônio Marques da Fonseca Junior, Samuel Martins Barbosa, Eliseu Narciso e Francisco Penha Alves (FERREIRA, 1962). No Recife, foram atingidos os docentes Paul E. Pierson, Thomas Foley, Áureo Bispo dos Santos e o próprio João Dias de Araújo. É importante considerar que os instrumentos de controle da IPB não se limitavam aos investigados, levando-se em consideração que os familiares ou pessoas próximas poderiam sofrer com os efeitos do “tribunal presbiteriano”.

João Dias de Araújo foi afastado de suas funções de docência no SPN no ano de 1970, iniciando um longo processo de entrave jurídico com a IPB. O reverendo recorreu à instância judiciária para reivindicar os seus direitos trabalhistas enquanto professor do seminário. O caso foi analisado pela 9ª Junta de Conciliação e Julgamento do Recife, com ganho de causa ao reclamante. Deve-se lembrar que o trâmite da causa ocorreu em meio à ditadura, quando houve a tentativa de associar a figura do pastor como propagandista do marxismo, com o objetivo de desfavorecê-lo perante o juiz. O religioso destacou que um de seus ex-alunos, Esídio Potes Vale, que também era militar, foi convidado a testemunhar no processo e perguntado se o pastor era de fato comunista. O discente teria confirmado a ligação com o pensamento de esquerda e acrescentou que teria ouvido uma acusação de que o eclesiástico possuía ligações com Moscou (VILELA, 2015, p. 197).

As memórias do período de crise na IPB foram narradas no livro *Inquisição Sem Fogueiras. Vinte anos da História da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1954-1974*. A narrativa rememora a euforia de uma nova geração na Igreja Presbiteriana que se achava estimulada pelos debates progressistas, ecumênicos e as ações operadas pela política conservadora da Igreja para conter o avanço desse primeiro grupo.

A querela judicial entre João Dias e a IPB ganhou destaque na imprensa pernambucana. Durante o desenrolar do caso, o advogado do pastor, Joás Cruz, acusou a Igreja Presbiteriana do Brasil de não cumprir com a sentença estabelecida pelo Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região. O reverendo chegou a ser reintegrado ao quadro de funcionários do SPN, mas foi impedido de exercer as funções de docência, permanecendo ocioso, fato que contrariava o parecer judicial. Em sua defesa, a IPB pronunciou que “no propósito de atender ao mandado judicial, o Seminário recebeu o empregado. Contudo, decidiu não lhe atribuir aulas, pois reconhece que, na democracia brasileira, não cabe ao Estado e sim à Igreja decidir quem deforma o seu ministério evangélico” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 14 set. 1975, p. 02).

As tensões entre o reverendo e a instituição atingiu um nível insustentável para a permanência de João Dias na IPB. Além de sofrer retaliações no seminário, o pastor, que também era responsável pela Igreja Presbiteriana da Encruzilhada, foi afastado das suas funções ministeriais. Sendo assim, em 1978, em conjunto com outras lideranças progressistas de diversas denominações, o Rev. João Dias contribuiu para a organização da Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP) na cidade de Atibaia (SP).

A partir do ano de 1983, a federação passou a se chamar de Igreja Presbiteriana Unida (IPU), instituição que até os dias atuais permanece aberta aos diálogos progressistas. Criou-se espaço para ordenação de pastoras, presbíteras e diaconisas. A proposta da nova comunidade presbiteriana está representada em um hino escrito por João Dias de Araújo em 1967, a pedido do Rev. João Wilson Faustini, com a participação de Décio

"A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos": as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

Emerique Lauretti. A música, intitulada *Que estou fazendo se sou cristão*, foi escolhida em 1983 para ser um dos símbolos oficiais da IPU. A letra simboliza uma reação ao hinário tradicional, que não versava com a realidade brasileira, sem uma linguagem adequada para as épocas atuais e os seus imbróglios sociais. A composição evoca o compromisso social do cristão e a adequação da mensagem à condição periférica do Brasil. O Rev. João Dias de Araújo, teólogo, advogado e hinógrafo, faleceu no dia 09 de fevereiro de 2014, aos 83 anos de idade, na cidade de Feira de Santana (BA). Foi pastor efetivo da Igreja Presbiteriana Unida de Feira de Santana entre 1984 a 1994. Junto com outros líderes, organizou na década de 1980 a *Comissão Evangélica de Direitos da Terra*, que nos anos seguintes recebeu o nome de *Comissão Ecumênica de Defesa dos Direitos da Terra*, centrada na questão da seca e dos conflitos sociais no interior baiano (SILVA, 2010, p. 198). Foi casado com Ithamar Bueno de Araújo, ocupante do cargo de bibliotecária do Seminário Presbiteriano do Norte enquanto o reverendo se encontrou no quadro de docentes, com quem teve cinco filhos. Até o ano de sua morte, o reverendo permaneceu como enfático defensor da igreja ecumênica, com presença nos debates sociopolíticos.

## Considerações finais

Durante a sua atuação, o reverendo João Dias desafiou o sistema teológico da Igreja em que estava inserido. Através de sua criatividade, soube contribuir com uma reforma do pensamento protestante, com desafios para os limites institucionais. O intelectual, que buscava responder as interrogações levantadas pela situação brasileira, rompeu com o paradigma que rondava o presbiterianismo, de caráter conservador, que começou a ser transformado a partir da inquietação e do desejo de participação política da juventude. Sua teologia implicou em romper com as grades do mundo eclesiástico de matriz calvinista e reformada, mesmo sem negá-las. Para o reverendo, o modo de fazer teologia deveria partir do local social que os fiéis ocupavam. Em seus discursos, advertia que o cristão era possuidor de responsabilidades políticas e sociais, portanto, deveria buscar espaço nos partidos políticos, sindicatos, universidades ou em movimentos sociais, reafirmando sua “cidadania responsável”. Seu olhar teológico era composto por críticas aos sistemas capitalistas e socialistas, referendando-se na proposta teleológica do “Reino de Deus”.

É importante assinalar que as propostas teológicas de João Dias foram contidas pelas propostas conservadoras da presidência do Rev. Boanerges Ribeiro, alinhada ao processo histórico brasileiro dos governos militares. A tendência progressista perdeu fôlego na instituição no final da década de 1960, reverberando-se em pequenos grupos. A saída de fiéis para Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP) sinalizou a vitória da ausência teológica e o distanciamento da IPB dos embates políticos e sociais. Do outro lado, João Dias se manteve fiel ao seu modo de pensar o protestantismo, levando a Igreja Presbiteriana Unida (IPU) ao diálogo entre denominações, religiões e movimentos sociais. É importante pontuar que os grupos ecumênicos e progressistas constituintes da FENIP não se classificaram fora da tradição calvinista e reformada. Nas construções de suas representações, tencionavam a ressignificação destes

elementos à luz da modernidade nas interfaces das experiências religiosas, com a reafirmação da herança presbiteriana quanto aos seus “mitos fundadores”.

### Fontes:

ACA diz que contemporaneidade do cristianismo está na esquerda. *Diário de Notícia*. Rio de Janeiro, 02 dez. 1961.

DIGESTO PRESBITERIANO: *Resoluções do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil e da sua Comissão Executiva (1951-1960)*. Casa da Editora Presbiteriana.

DIREITO para ensinar no Seminário Presbiteriano. *Diário de Pernambuco*. Recife, p. 2, 14 de set. 1975.

EVANGELISTAS iniciam conferência: Cristo presente na crise brasileira. *Ultima Hora*. 24 Jul. 1962.

EVANGELISTAS: Igreja deve assumir vanguarda da revolução social. *Ultima Hora*. 25 jul. 1962. p. 02.

FERREIRA, Júlio Andrade. *Documentos sobre a Crise de 1962 no S.P.S.* (Não publicado)

MOCIDADE Presbiteriana: conclusões do VI Congresso da Mocidade Presbiteriana do Brasil. *Jornal A Noite*. 24 de Fevereiro de 1964. p. 4.

REITOR DO SEMINÁRIO ESCLARECE. *Diário de Pernambuco*. 06 de setembro de 1964. p. 11.

“VIGÍLIA BÍBLICA” e Encontro Ecumênico unirá católicos e protestantes no Recife. *Diário de Pernambuco*. 04 de setembro de 1964. p. 5.

### Referências:

ALVES, Rubem (Org.). *De Dentro do Furacão – Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Sagarana, CEDI, CLAI e UMESP, 1985. (Coleção Protestantismo e Libertação).

ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papirus, 1987.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

ARAÚJO, João Dias de. *Inquisição Sem Fogueiras (a história sombria da Igreja presbiteriana do Brasil: 1954-1974)*. São Paulo, Fonte Editorial, 2010.

ARAÚJO, João Dias de. *Memórias da década de 1960*. Disponível em: <https://teologiaipu.wordpress.com/>, 2012.

ARAÚJO, João Dias de. *O Jovem Cristão e o Jovem Comunista*. 1964.

ARAÚJO, João Dias de. Teologia para o Brasil. *Revista Teológica*, ano XXV, nº 27, 1961.

BURITY, Joanildo. *Fé na Revolução: protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1962-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *Onde está o povo, aí está a Igreja?: história e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2008.

CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica*. São Paulo: Nascente, 1985.

CERTEAU, Michel De. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CÉSAR, Waldo et al. Conferência do Nordeste (1962: Recife, PE). *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*. Recife: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962a.

CÉSAR, Waldo et al. Conferência do Nordeste (1962: Recife, PE): *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*. Anais... Recife: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962b.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COSTA, Isaque de Góes. *Origens históricas da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil*. (Dissertação em Ciências da Religião). Faculdade Unida de Vitória, 2017.

D'ARAUJO, Maria Celina; JOFLY, Mariana. Os dias seguintes ao golpe de 1964 e a construção da ditadura (1964-1968). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O tempo do regime autoritário [recurso eletrônico]: ditadura militar e redemocratização Quarta República (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FERREIRA, Jorge. *A democracia no Brasil: (1945-1964)*. São Paulo: Atual, 2006.

GUEIROS, Israel Furtado. *A Luz do Mundo*. Recife: Igreja Presbiteriana do Recife, 1980.



"A palavra justiça está mais na boca de ateus do que cristãos": as propostas sociais do Rev. João Dias de Araújo para a Igreja Presbiteriana do Brasil (1950 – 1960)

LOWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. *Lua Nova*, São Paulo, n. 19, p. 05-22, Nov. 1989. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451989000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000400002). Acesso em: 13 Jul. 2020.

MATOS, Alderi Souza de. *Uma Igreja peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

MOTA, Sônia Gomes. IPU: *Vozes da Resistência*. (Dissertação em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Em Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O anticomunismo militar. In: MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). *O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas*. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

NOGUEIRA, Alcides. *O evangelho social e a igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1965.

REILY, Alexander Durkan. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: AEST, 2003.

ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo do regime autoritário* [recurso eletrônico]: ditadura militar e redemocratização Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos temas nas aulas de História*. . 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SOUZA, José Roberto de. et al. *Lideranças Protestantes no Brasil: ensaios biográficos*. Recife: Editora UFPE, 2015.

SOUZA, Silas Luiz de. Pensamento sobre a ação social no protestantismo brasileiro. *Ciências da religião – história e sociedade* v. 9. nº 1. 2011

VASCONCELOS, Misael de Albuquerque. *O “porque” de um professor ter levado a Igreja Presbiteriana do Brasil à Justiça do Trabalho*. Recife: [s.n.], 1975.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2014.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. João Dias de Araújo sua trajetória de pastor e professor: relatos de memórias e os embates teológicos, sociais, políticos e trabalhistas durante o regime civil e militar. In: SOUZA, José Roberto de. et al. *Lideranças Protestantes no Brasil: ensaios biográficos*. Recife: Editora UFPE, 2015.

*Submissão: 10/05/2021*

*Aceite: 31/01/2022*